



ENTRE O AMÉM E O AXÉ - O TRÂNSITO RELIGIOSO DE MULHERES ENTRE O PROTESTANTISMO E AS RELIGIÕES AFRO BRASILEIRAS

Lídia Maria de Lima¹

A história do Brasil nos revela que a intolerância religiosa sempre foi um tema presente em nosso país, principalmente no que se refere às religiões afro-brasileiras, entretanto, nas últimas décadas observa-se um discurso muito mais acirrado contra estas práticas religiosas e esta intolerância parte principalmente das igrejas neopentecostais. Demonizando principalmente os ritos de candomblé e umbanda e realizando cultos de exorcismo, estas igrejas seguem pregando a intolerância e realizando atos de violência contra estes grupos religiosos.

A liberdade religiosa é assegurada em terras brasileiras desde a primeira Constituição Republicana (1891), período em que ocorre a separação legal entre o Estado e a Igreja. Entretanto, até que esta separação torne-se algo real, foram ainda mais três séculos. Neste período muitas igrejas protestantes sofreram perseguições e também foram alvo da intolerância. Mas, os que outrora perseguiam, tornaram-se perseguidores e até hoje, as religiões afro-brasileiras são as maiores vítimas desta intolerância, sendo vistas com suspeita e preconceito.

Tais procedimentos em relação as religiões afro-brasileiras resultam, em grande medida, de representações depreciativas e desqualificadoras que, ao longo do tempo, foram construídas, no ocidente e no Brasil, sobre as etnias e as culturas africanas, tidas como “primitivas” e “arcaicas”, destinadas, portanto, a desaparecerem porque representam o passado da humanidade. No Brasil, os intelectuais, a Igreja católica e o Estado contribuíram, cada um ao seu modo, para moldar o imaginário social desqualificador de negro e das religiões afro-brasileiras.²

Vagner Silva, em suas pesquisas, afirma que desde a década de 60 há uma mudança no perfil dos frequentadores das religiões afro-brasileiras, há uma aproximação maior da elite, de acadêmicos e de artistas; assim, o que era um movimento de periferia começa a ganhar espaço e chega aos centros urbanos, um verdadeiro incômodo para as igrejas neopentecostais, que iniciam um processo de hostilização constante contra estes grupos. Na mesma obra, após uma análise de materiais publicados pela imprensa e em literaturas acadêmicas, Silva classifica a violência das igrejas neopentecostais em cinco tipos:

1) ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo; 2) agressões físicas in loco contra os terreiros e seus membros; 3) ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos da herança africana no Brasil que

¹ Mestranda em Ciências da Religião – UMESP. lidiamlima@limao.com.br

²ORO, Ari Pedro *A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje*, Ciênc.let., Porto Alegre, n.44, jul./dez, 2008. p.305. Disponível em: < <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras> >.



tenham alguma relação com as religiões afro-brasileiras; 5) ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos.³

A Igreja Universal do Reino de Deus, liderada pelo bispo Edir Macedo, com suas sessões de “descarrego” destaca-se como a protagonista dos casos de maior repercussão na sociedade. Fazendo uso de suas publicações e dos programas de rádio e TV, a IURD estabelece uma relação de confronto (ou *batalha espiritual*) constante contra as religiões afro-brasileiras. Os orixás, os guias, os símbolos, babalorixás e ialorixás são associados a demônios e encostos e todos os rituais praticados por estes grupos são retratados nos programas e nos meios de comunicação como produtores de malefícios a todos os sujeitos religiosos que os realizam.

1.1 - As mulheres vítimas da intolerância religiosa

Assim como na sociedade, em geral, as mulheres representam a maioria dos frequentadores dos terreiros de Umbanda e de Candomblé, seja como iniciada ou na liderança, como ialorixás (mães-de-santo), elas estão a frente e também são atingidas pela intolerância religiosa. Um dos episódios mais conhecidos envolvendo as religiões afro-brasileiras e a IURD aconteceu no ano de 1999: Gildásia dos Santos e Santos, mãe Gilda, líder do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã na Bahia, estampou a primeira página de Folha Universal, seguida pela manchete: “Macumbeiros Charlatães Lesam Bolsa e a Vida dos Clientes”. A fotografia havia sido feita pela revista Veja, no ano de 1992 em Brasília, na ocasião mãe Gilda participava de um protesto contra o governo Collor. Após esta publicação, membros da Igreja Deus é Amor invadiram o seu terreiro na tentativa de exorcizá-la.

Na ocasião, mãe Gilda, juntamente com a sua família decidiu processar a IURD por danos morais e pelo uso indevido de sua imagem. Entretanto, antes mesmo da decisão judicial, mãe Gilda faleceu após um infarto, que segundo a família foi desencadeado pela tensão vivida após as agressões. A família seguiu com o processo e em 2004, a IURD foi condenada a pagar R\$1,272,000 a família (o que equivale a R\$1,00 por jornal publicado). *O caráter emblemático deste caso levou neste mesmo ano a Câmara de Vereadores de Salvador a transformar a data de falecimento da ialorixá, 21.1.2000, em “Dia Municipal de Combate a Intolerância Religiosa”*.⁴

Em maio deste ano (2010), em entrevista com algumas mulheres da tenda de Umbanda Mané Baiano e Zé Pilintra, casa de mãe Sônia de Oxum, em Diadema – SP, foi possível constatar

³SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa: *Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro* Pedro Oro ... et al.; Vagner Gonçalves da Silva (Org.). - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

⁴Idem, p.20.



que estes atos de intolerância religiosa, muitas vezes, estão presentes em suas próprias casas. Na ocasião conheci L.L Santos⁵ que, juntamente com o seu marido, é praticante da Umbanda desde a juventude e também educou seu filho nesta religião. Ao crescer o filho começou a frequentar uma igreja neopentecostal e com a intenção de converter os pais, passou a satanizar e condená-los por suas práticas religiosas. *“Ele orava por mim e também trazia pastores para orar. Dizia que a minha religião era errada. Eu briguei muito com ele, mas hoje eu evito brigar e quando ele me convida eu até vou na igreja com ele, mas eu não me sinto bem, porque sempre que estou lá alguém quer expulsar o demônio que eles dizem que há em mim. Mas eu brigo e não deixo que orem, não admito que ninguém fale mal da minha religião. O que me entristece é que, sempre que ele me convida para ir a igreja eu vou, mas quando eu o convido pra vir aos trabalhos da umbanda, ele se recusa. Parece que se esqueceu de tudo que eu ensinei.”*

T.M.J – também frequenta a casa de mãe Sônia e narra que em sua família todos eram *espíritas* desde os avós paternos e maternos, passando por seu pai, que foi Ogã⁶, e sua mãe. Atualmente, entre os oito irmãos, apenas ela e mais uma irmã, são umbandistas, os demais são católicos e evangélicos. Apesar das diferenças, TMJ diz que eles procuram respeitar-se mutuamente e quando há uma festa na igreja evangélica que a irmã frequenta ou na igreja católica, toda a família acaba participando, o que não acontece quando os eventos são na umbanda: *“sábado mesmo, antes de vir pra cá [a tenda de mãe Sônia], eu passei a manhã na missa, porque foi a crisma dos meus irmãos. Então, [em casa] ninguém critica, porque cada um respeita o espaço do outro, mas sempre tem aqueles [comentários] de que a igreja católica é legal e que a igreja evangélica também, agora a umbanda não é tão legal, porque ali todo mundo está pra fazer o mal.”*

Estes comentários partem de uma irmã de TMJ que hoje frequenta os cultos de uma igreja neopentecostal: *“Minha irmã foi da umbanda por 18 anos até fez a iniciação dos seus filhos, depois que ela se converteu, tudo o que ela tinha e que se referia a umbanda ela jogou fora e passou a dizer que tudo o nós fazemos é do demônio e (...) que quem vive nesta religião não vai pra frente. Um dia ela me chamou pra ir a igreja dela pra ver [a apresentação] do coral que ela participava, então, eu, meu marido e minha outra irmã [que também são umbandistas] acabamos indo. Lá, quando a pastora soube quem nós éramos, começou a orar e gritar falando em línguas e dizia que havia dois anjos maus em cima de mim e que eu tinha um problema, uma doença, mas que isto ia se*

⁵Os nomes de algumas das entrevistadas serão preservados a pedido das próprias entrevistas. Apenas o nome da Ialorixá, Sônia Maria Barreto dos Santos, será mantido.

⁶Ogã é um cargo reservado aos homens que não entram em transe durante os rituais, eles auxiliam o pai ou a mãe de santo durante os rituais.



resolver e que eu seria curada se fosse mais à igreja e frequentasse as campanhas. E que eu não deveria frequentar mais estas casas de culto aos demônios. Então eu perguntei a ela: Mas a senhora sempre foi crente? - ela me disse: Não, antes frequentava a magia negra! - então eu disse: então está bem, quando eu me cansar eu venho pra cá, volto também pra esta igreja". Ironicamente a jovem sorriu, como se debochasse da resposta da pastora.

Mesmo diante desta experiência TMJ continua acreditando que não se trata de intolerância ou preconceito. Acredita que isto são reações normais de quem desconhece a religião.

Assim como esta jovem, mesmo diante destas experiências as mulheres da casa de mãe Sônia continuam afirmando que não são vítimas da intolerância, a própria líder relata que quando percebe algum comentário ou atitude que desaprove suas práticas religiosas ela procura entender, pois, segundo ela, há muitas casas de umbanda e de candomblé que realizam algumas práticas que geram este comportamento, mas, em geral ela prefere o silêncio ou apenas algum comentário mais discreto e sem briga.

Esta atitude pode ser compara ao *relativo conformismo das religiões afro- brasileiras* descrito por Ari Pedro Oro, ou uma estratégia de sobrevivência diante de um discurso fortemente marcado pela hegemonia das religiões cristãs. Há uma aparente imobilidade e conformismo no campo afro, aos comentários e atitudes neopentecostais, as reações só acontecem quando esta intolerância motiva agressões físicas, corporais, ou diretamente sobre os espaços e símbolos religiosos. Do contrário, assim como acontece em muitos outros espaços de culto afro e que ouvi nas experiências das filhas de mãe Sônia, o que prevalece é o silêncio.

O silêncio é usado como estratégia de desconsideração dos ataques por parte dos membros da religiões afro-brasileiras. Foi o que disse o pai-de-santo Aristides Mascarenhas, diretor da Federação Bahiana de Cultos Afro-Brasileiros: "essas agressões entram por um ouvido e saem por outro" (Folha de S. Paulo, 22.10.1995). Por seu turno, Alberto Pernambucano Nogueira, presidente do Ceucab, diz que aconselha seus filiados a ignorarem os ataques dos evangélicos: "se dermos atenção a esses ataques estaremos colaborando para que estes ataques surtam os efeitos que eles querem. (...) há também no âmbito das religiões afro-brasileiras um sentimento de que as próprias entidades, no momento certo e oportuno, saberão responder a altura e dar o troco às agressões de que agora são vítimas. Como ocorreu no passado, com as perseguições, estigmatizações e preconceitos, e que foram momentos superados, pois a religião se manteve forte, malgrado toda a intolerância histórica."⁷

Quando questionada sobre atos de intolerância que tenham acontecido diretamente contra a sua casa, mãe Sônia disse que ninguém nunca havia feito nada diretamente, mas no decorrer na entrevista, lembrou se de um caso que aconteceu recentemente e que teve início com um ato de intolerância. Um homem, de terno e gravata aproximou-se de sua casa e ficou parado na porta

⁷ORO, Ari Pedro *Intolerância religiosa iurdiana e as reações afro no Rio Grande do Sul*; in *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro*. p.50



observando todo o ritual, um dos filhos de mãe Sônia, já o conhecia e o identificou como pastor de uma igreja do bairro. Mãe Sônia disse que este homem foi convidado a entrar, mas preferiu ficar ali onde estava, apenas observando o que acontecia. Ao final da cerimônia, ele saiu sem que ninguém percebesse.

Poucos dias depois, este mesmo homem retornou à tenda fazendo muitos questionamentos e revelou à ialorixá que sua intenção ao se aproximar da casa era expulsar os demônios que moram ali, mas ao observar o rito e conversar com a líder, desistiu de sua intenção inicial. Hoje, este pastor está em conflito com os líderes de sua igreja, pois, cansado de perseguir o grupo, decidiu juntar-se a ele, segundo mãe Sônia, falta-lhe apenas coragem para declarar ao seu antigo grupo de fé, que agora ele será um seguidor da Umbanda. Mãe Sônia relata que estas cenas também têm se repetido em outras casas de umbanda e também de candomblé. *“Há sempre um evangélico procurando os terreiros para realizar um trabalho, mas eles sempre procuram um terreiro o mais longe possível do bairro onde moram. Tudo para não serem vistos junto aos 'macumbeiros'. Quando eles não têm coragem de chegar até um terreiro, eles chegam discretamente e pedem pra gente acender uma vela pra eles, mas só que ninguém pode saber. Outro dia apareceu aqui uma mulher querendo um trabalho para trazer o homem que ela amava, mas a entidade me revelou que ela era evangélica e que era casada, não houve trabalho nenhum, a entidade lhe deu umas boas broncas, afinal de contas em todas as religiões é preciso ter respeito e moral.”*

2. O trânsito religioso das mulheres de santo

Segundo a contagem de mãe Sônia as mulheres representam mais de 50% do público que frequenta sua casa. Ali, realizam exercício de liderança ganham espaço e estão a frente de todas as atividades realizadas. Durante a entrevista todas falaram sobre a liderança que exercem em casa e de como se identificam com seus orixás, em geral com Iansã, Obá e Oxum, mulheres de gênio forte, que falam o que pensam e que vão luta, organizando suas casas e sendo muitas vezes as chefes da família.

As mulheres das comunidades-terreiros, do povo de “Axé”, vão se caracterizar por um passado de luta, determinação e resistência passando a simbolizar a mulher (...) que enfrenta adversidades e problemas de qualquer ordem, possibilitando uma auto-imagem e uma autodefinição: “mulheres sem papas na língua, de raça, que não tem medo de nada.”⁸

⁸THEODORO, Helena, *Algumas considerações sobre a mulher negra* in *Identidade Negra e Religião*, Edições Liberdade, Imprensa Metodista, 1986. p.183



Cada uma delas apresenta uma história diferente de aproximação com a casa, mas em geral há algo em comum: a grande maioria aproximou-se da umbanda porque precisavam solucionar problemas familiares: seja com o marido, com o filho ou com o pai, e na grande maioria dos casos havia o envolvimento destes homens com algum tipo de vício.

A própria mãe Sônia relata que sua aproximação com a umbanda se deu porque seu marido, além do vício do álcool estava com problemas de saúde e não havia médico capaz de diagnosticar o seu problema e nem ao menos indicar um tratamento ideal que promovesse a cura. Durante muito tempo, Sônia fez várias tentativas de interná-lo em hospitais psiquiátricos, mas não conseguia, pois segundo os médicos não havia nenhum problema com ele. Nesta saga, em busca de cura para seu marido, Sônia encontrou a Igreja Deus é amor. Durante um período de aproximadamente um ano, ela frequentou as celebrações: *quando não conseguia levar o marido, levava fotos e peças de roupa para que os pastores orassem pela cura dele e também trazia pra casa óleo ungido, tudo pra afastar meu marido das bebidas e das doenças, mas nada deu jeito.*

Depois disto Sônia também procurou uma outra igreja pentecostal, liderada por uma mulher chamada Ana, lá, também fez orações, ungiu peças de roupa e participou de campanhas de oração. Mas, depois deste período sem resultados e não conformada com as coletas de dízimos e ofertas realizadas pelas igrejas, Sônia que anteriormente havia sido católica, decidiu procurar ajuda em um terreiro de umbanda. A princípio não queria envolver-se com a religião, queria apenas a cura do marido, mas, durante os trabalhos realizados na casa, as *entidades* passaram a responsabilizá-la pela situação em que o marido se encontrava e diziam que o mesmo só estaria curado quando ela assumisse um compromisso com os guias. Desde então, Sônia não mais ausentou-se dos trabalhos e de suas obrigações.

T.A.Ferreira aproximou da Umbanda aos 21 anos, hoje está com 29; antes de chegar a casa de mãe Sônia frequentou a Congregação Cristã, depois de um tempo sentiu-se incomodada com as imposições feitas pela igreja ao que se referia às roupas das mulheres, *não concordava com elegância, achava que a igreja acabava se transformando em um desfile de moda.* Em seguida, T.A passou a frequentar a Igreja Deus é amor, mas não gostou da *gritaria que acontecia na hora do sermão e das orações.* Sua última tentativa no meio evangélico foi a Igreja Universal do Reino de Deus: *mas durante os cultos sempre havia alguém querendo orar expulsando demônios que viam em mim, então eu cansei, disse muitas vezes: não há demônios comigo, mas não adiantou, então eu decidi: aqui eu não venho mais. Nem na porta eu quis mais passar.*



Neste período T.A estava em busca de soluções para os conflitos que enfrentava em casa com o pai alcoólatra e o irmão mais novo que estava envolvido com drogas. Em nenhuma destas igrejas conseguiu suprir seus anseios, por isso continuou procurando um espaço até encontrar a umbanda. Lá, os problemas do pai e do irmão também não foram solucionados, mas segundo a moça, ela encontrou ali uma nova família e a paz que tanto precisava. Sua preocupação atual é encontrar um noivo e a mãe Sônia já está observando os moços da casa, para auxiliar *sua filha* na escolha deste parceiro.

Assim como observa Carmem Cinira Macedo, *a religião serve para tornar o sofrimento suportável e para ajudar a se viver a dor coletivamente, encontrando pra ela um significado*⁹. E.S.Coelho – também teve a sua aproximação com a casa marcada por um momento de dor, aos 19 anos teve o seu primeiro filho, mas aos três meses a criança faleceu, pois nasceu com problemas de saúde e então ela decidiu que não queria mais saber de nenhuma religião, mesmo que seus familiares insistissem no discurso de que era preciso buscar a Deus. Foi somente depois de algum tempo que, acompanhada por uma amiga que já era umbandista que E.S.Coelho resolveu visitar a casa de mãe Sônia. *Durante toda a minha vida fui católica praticante e participava ativamente de todas as atividades da igreja, também visitei algumas igrejas evangélicas com parentes, mas só aqui encontrei o apoio, o aconchego e a paz que precisava para superar a dor.*

Hoje E.S Coelho, o marido e seus três filhos frequentam a casa e enfrentar sem grandes preocupações os preconceito dos familiares que não aceitam esta sua nova opção: *As pessoas tem muito preconceito contra os espíritas, principalmente quando a gente diz assim eu sou espírita (...) somos chamados de macumbeiros, as pessoas não usam a palavra correta. Dizem “aquele lá é macumbeiro ou o catimbozeiro” - por conta disto as pessoas têm algumas reações erradas com a gente. (...) e criam uma certa barreira. Você não consegue ter intimidade com as pessoas porque eles tem o ledão engano de que a gente vai colocar o nome deles na boca do sapo ou que a gente vai fazer uma magia negra e não é assim, aqui é tudo bem diferente (...) Aqui é um lugar de luz.*

Outras “filhas” também relataram suas experiências, a grande maioria vem de origem católica, mas por convite de familiares e/ou amigos, por curiosidade ou até mesmo em busca de respostas aos seus anseios as mesmas já passaram por algumas igrejas evangélicas e até hoje, acabam frequentando algumas celebrações protestantes como descrevemos anteriormente no caso de L.L Santos e seu filho recém convertido a uma igreja neopentecostal.

⁹MACEDO, Carmem Cinira, *Imagem do eterno: religiões do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989 (Coleção Polêmica) p.40



“A intensa “movimentação religiosa” que assistimos na atualidade, o surgimento crescente de novos movimentos religiosos, a relativização do compromisso do “fiel” com as instituições religiosas, o chamado processo de “destradicalização religiosa”, mas também o processo de “retradicalização”, e a desterritorialização do sagrado, são evidências das implicações modernas sobre o campo religioso e, nesse processo evidenciam também a sua reconfiguração.”¹⁰

Agradar membros da família também parece ser um dos fatores que motivam o trânsito religioso destas mulheres, M.O Pena, de 21 anos frequenta a umbanda há três anos. Anteriormente era participante ativa da igreja católica, juntamente com a sua família, mas por curiosidade resolveu conhecer a umbanda e nunca mais saiu. A família ainda hoje não compreende bem esta sua escolha, no entanto, M.O esforça-se para não desagradá-los e para que estes respeitem a sua opção: *Participo de algumas festas católicas e também converso bastante com os meus pais sobre a minha religião, às vezes eles também fazem algumas consultas às entidades. Agora, estou me preparando para casar, a cerimônia será aqui na tenda, mas também vou atender o pedido da minha família e realizar uma cerimônia na igreja católica também, assim ninguém fica desapontado.*

Mãe Sônia afirma que todas as mulheres que hoje frequentam sua casa já passaram por uma igreja protestante ou católica e que todas tem liberdade pra participar de algum culto, ou missa e até mesmo pra batizar seus filhos/as na igreja católica, pois *a responsabilidade e compromisso de cada uma destas mulheres com suas entidades e a alegria que as mesmas encontram nesta casa lhes dá a certeza que na umbanda é que elas se realizam e interagem com sagrado.*

Considerações finais:

É possível observar que o trânsito religioso vivenciado e descrito pelas mulheres da tenda de mãe Sônia só acontecem por causa da pluralidade religiosidade presente em nosso país e pela liberdade de culto que se vive. É claro que esta liberdade não garante a intolerância e nem o respeito por parte de muitos grupos para com as religiões afro-brasileiras e estas são as que mais sofrem na atualidade com as perseguições de grupos fundamentalistas.

Razões etnocêntricas não podem ser excluídas desta discussão. Durante a entrevista na casa de Mãe Sônia, uma de suas *filhas* narrou que durante a infância cansou de ouvir insultos como “*neguinha da macumba*” ou a “*preta do saravã*”, mas hoje, percebe que há um grande número de brancos que também frequentam a sua religião: *Na festa de Ogum, haviam mais brancos do que*

¹⁰ SOUZA, Sandra Duarte de, Trânsito Religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua. In *Estudos de Religião* Ano XV nº 20, jan/jun.2001.p.159.



negros, assim como na casa hoje, mas a fama de macumbeira fica só pra mim que sou negra – diz a garota olhando para as participantes brancas.

Muito mais do que uma questão de crença, a intolerância religiosa envolve outros problemas como a discriminação étnica e social. Para as organizações étnicas que buscam o reconhecimento e a reconstrução da identidade negra deste país, as religiões afro-brasileiras são fundamentais para assegurar a história e a resistência do povo negro no Brasil. O processo de “satanização” destas religiões traz a tona um discurso antigo e colonialista, que apresenta o cristianismo como a única expressão religiosa genuína e verdadeira.

Elementos culturais que nascem no seio das religiões de matrizes africanas como a capoeira, roda de samba, instrumentos musicais como pandeiro e atabaque também foram alvo de muita discriminação em outros períodos da história. Hoje a capoeira e o samba são considerados patrimônios da cultura brasileira; já existe a Capoeira de Cristo, na qual as músicas que fazem referência aos orixás ou a santos católicos, são substituídas por canções que falam de Jesus Cristo. Pandeiros e atabaques passam a ser consagrados a Jesus.

Esta substituição, somada aos atos de agressão praticadas por Igrejas Neopentecostais, revela que de fato não vigora a “liberdade religiosa” neste país e que mesmo sendo caracterizada como crime, a intolerância religiosa é real e declarada. Muitos grupos têm se organizado em defesa das religiões afro brasileiras e já há algumas ações movidas por babalorixás e ialorixás contra igrejas e pastores que atacaram símbolos, terreiros ou membros destas religiões.

Nesses processos, o Ministério Público tem tido uma atuação importante, embora a lentidão das varas judiciais criminais, para onde estes processos são enviados, desestime uma ação sistemática por parte das vítimas. Além disso, estas, em geral, não possuem conhecimento suficiente dos mecanismos de funcionamento do poder judiciário para neles atuarem de forma mais incisiva.(...) Apesar das dificuldades, essas ações jurídicas começam a dar resultados favoráveis aos adeptos das religiões afro-brasileiras. As igrejas evangélicas responsáveis pelos programas considerados ofensivos as religiões afro-brasileiras, e as redes de televisão que os exibem, estão sendo notificadas.¹¹

Mesmo diante das perseguições e do declínio no número de fieis, as religiões afro-brasileiras seguem vivas, valorizando a sua história e demonstrando toda a sua resistência, e nas últimas décadas contando ainda com o apoio de ONG's, pesquisadores, políticos, advogados, promotores públicos, entidades ligadas ao movimento negro brasileiro e acadêmicos, que compreendem estas religiões como um elemento importante na cultura e na história deste país.

Bibliografia

¹¹Ibidem, p.21.



BITTENCOURT FILHO, José *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social* – Petrópolis, RJ : Vozes: Petrópolis; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.

GAARDER, Jostein *O livro das religiões* /Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flávio Pierucci. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ORO, Ari Pedro Intolerância religiosa iurdiana e as reações afro no Rio Grande do Sul; in *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro*.

_____. A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje, *Ciênc.let.*,Porto Alegre, n.44, jul./dez, 2008. p.305. Disponível em:< <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras> >.

MACEDO, Carmem Cinira, *Imagem do eterno: religiões do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989 (Coleção Polêmica).

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro* Pedro Oro ... *et al.*; Vagner Gonçalves da Silva (Org.). - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007

SOUZA, Sandra Duarte de, *Trânsito Religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. In *Estudos de Religião* Ano XV nº 20 , jan/jun.2001.

THEODORO, Helena, Algumas considerações sobre a mulher negra in: *Identidade Negra e Religião*, Edições Liberdade, Imprensa Metodista , 1986.